

ITALIANO, LINGUA LETTERARIA? L'INFLUSSO DELLE *PROSE DELLA VOLGAR LINGUA* SULL'ITALIANO CONTEMPORANEO

Fabrizio RUSCONI*

- **RESUMO:** Este artigo tem como objetivo mostrar por que o italiano ainda pode ser percebido como língua literária devido à distância entre escrita e oralidade, entre língua espontânea e norma culta. O intuito é esclarecer de que forma a peculiaridade da história linguística italiana, conhecida como “questione della lingua”, contribuiu para determinar aquilo que é ainda hoje o italiano. Estamos convencidos de que a autoridade dos argumentos de Bembo, expostos em *Prose della volgar lingua*, sua fortuna póstuma, bem como o uso e a sistematização que a esta foi dada pelos *Accademici della Crusca*, tenha, de fato, determinado um afastamento entre língua falada e língua escrita, causando, ao longo de uma história secular, muitos fenômenos que ainda hoje caracterizam a cultura italiana.
- **PALAVRAS CHAVE:** Pietro Bembo. Vocabolario della Crusca. Italiano língua literária.

Na perene *questione della lingua italiana* com a qual “[...] indica-se, por convenção historiográfica, o debate secular através do qual os intelectuais italianos se esforçaram para definir a natureza da língua do país em que viviam, ao fixar-lhe os critérios normativos, gramaticais e de seleção lexical”¹ (SERIANNI, 2002, p. 151, tradução nossa), a proposta de Pietro Bembo tem e terá um peso decisivo. As teses de fato contidas e expostas no diálogo as *Prose della volgar lingua* (BEMBO, [1525]) estabelecerão as bases sobre as quais se construirá o grande edifício da língua italiana por séculos. Deve-se, em parte, a Bembo e a sua autoridade se sua proposta que de fato concebia a língua italiana falada como língua escrita de teor literário, garantida pelo exemplo de Petrarca e de Boccaccio, terá peso suficiente para chegar substancialmente indene até o século XX.

Vamos tentar observar esta história secular partindo de seu ponto de chegada. Pasolini, em uma conhecida entrevista Rai, concedida na década de 1960, lembra que a língua italiana nasce como língua literária que se reconhece e se define a partir da autoridade dos seus grandes escritores, Dante, Petrarca e Boccaccio, distinguindo-se

* UFRJ – Universidade Federal do Rio de Janeiro. Faculdade de Letras. Rio de Janeiro – RJ – Brasil. 21941-917 - fabriziorusconi@gmail.com

¹ “[...] si indica, per convenzione storiografica, il dibattito secolare attraverso il quale gli intellettuali italiani si sforzarono di definire la natura della lingua del paese in cui vivevano, fissandone i criteri normativi, grammaticali e di selezione lessicale” (SERIANNI, 2002, p. 151).

Artigo recebido em 25/04/2020 e aprovado em 20/07/2020.

claramente de outras línguas nacionais cuja gênese e unificação é antes de tudo um evento político que acompanha a formação dos grandes Estados Nacionais. Pasolini não o lembra expressamente, porém sua leitura do italiano como língua literária retoma os argumentos de Pietro Bembo que, devido a vicissitudes e razões históricas e ideológicas, no século XVI prevaleceram sobre as posições concorrentes quando não abertamente hostis às do linguista e filólogo veneziano.

É sempre Pasolini quem, na série de ensaios que dedica à *questione della lingua*, hoje reunidos sob o título de *Empirismo Eretico*, reflete criticamente sobre esta história, individuando-lhe o momento de virada decisiva que se verifica com a imposição hegemônica da língua “técnico-científica”: “[...] enfim, o princípio de homologação está evidentemente em uma nova forma social da língua – em uma cultura técnica no lugar da humanista”² (PASOLINI, 2008, p. 1264, tradução nossa). Eis que então, na passagem dos anos sessenta-setenta, se observa uma virada radical, isto é, a definitiva demolição do sonho bembesco de uma língua literária, arcaica e distinta da língua falada, imposta de cima pela grande e pequena burguesia que fez do italiano literário a própria língua de classe, definitivamente substituída, a partir da década de 1960 do século XX, da língua técnica da burguesia tecnocrática. Considerando-se hoje consumada essa passagem da qual Pasolini foi intérprete profético, permanecem sem respostas ainda muitas perguntas que poderiam nos dar mais clareza a respeito do alcance e das consequências socioculturais e concretas que o projeto bembesco imprimiu na língua italiana antes da sua definitiva substituição com a língua técnica.

É um fato comprovado que o sucesso da operação de Bembo, a sua grande autoridade, move os ponteiros do relógio para trás de duzentos anos, recomeçando da língua áurea da Florença do século XIV e de seus autores canônicos: Boccaccio no que se refere à prosa, Petrarca na poesia. Escreve Marazzini (2001, p. 238, tradução nossa): “Quando Bembo fala de língua vernácula, entende certamente o toscano: porém não o toscano vivente, o toscano falado na Florença do século XVI, mas o toscano literário trecentista dos grandes autores”³. As consequências culturais e linguísticas da sua proposta arcaizante são muitas e duradouras. De acordo com Dionisotti (2002, p. 82):

[...] *la scoperta che il Bembo fece di una diversa stratificazione linguistica per il Tre e il Quattrocento, e la frattura netta che egli operò nella continuità dello sviluppo linguistico toscano e italiano restaurando a suo potere lo strato più antico e dissolvendo quello più recente, ebbero importanza fondamentale non soltanto per l'opera tutta di lui ma anche per i successivi generali sviluppi della lingua e letteratura italiana.*⁴

² “[...] *infine, il principio di omologazione è evidentemente in una nuova forma sociale di lingua – in una cultura tecnica che sostituisce quella umanistica*” (PASOLINI, 2008, p. 1264).

³ “Quando Bembo parla di lingua volgare, intende certamente il toscano: tuttavia non il toscano vivo, il toscano che si parla nella Firenze del XVI secolo, piuttosto il toscano letterario trecentesco dei grandi autori” (MARAZZINI, 2001, p. 238).

⁴ “[...] a descoberta que Bembo fez de uma diversa estratificação linguística no que concerne aos séculos XIV e XV, e a clara ruptura que ele deu na continuidade do desenvolvimento linguístico toscano e italiano restaurando a seu gosto a camada mais antiga e dissolvendo a mais recente, tiveram importância fundamental não apenas

Embora com algumas diferenças de cânone e de concepção, a proposta arcaizante instruída por Bembo, que via no áureo florentino do século XIV e em seus autores modelos sobre os quais normalizar a língua, foi adotada pelos *cruscanti* – que não por acaso mencionam seu nome na introdução da primeira edição do *Vocabolario*, juntos àquele de Salviati – se torna prática de apuramento e momento fundador na constituição do corpus da língua do *Vocabolario della Crusca*, cujo sucesso é tal que dita norma para todos aqueles que olharem no “volgare italiano” para suas obras⁵.

Por essas e outras razões, as consequências culturais e linguísticas da proposta arcaizante bembesca e, a seguir, cruscante, são muitas e duradouras. Não é incomum hoje ouvir queixas sobre o teor literário do italiano escrito, sua distância da língua cotidiana, lamúrias as quais se acompanha um embaraço no que diz respeito à redação de textos escritos. Lacunas culturais e escasso domínio de léxico e sintaxe se constatarem hoje mediamente em textos escritos tanto de estudantes de boa escolaridade, quanto daqueles adultos sem suficiente familiaridade com a literatura e com sua linguagem, desde sempre prerrogativa de grupos de doutos e distante da multidão dos falantes. Não é improvável que esta distância e quase impermeabilidade entre classes seja, em parte, o efeito de longo prazo de um posicionamento sobre a língua a partir da literatura, porque certamente a defasagem entre língua viva e língua escrita é atribuível ao classicismo vulgar/vernacular de Bembo e sucessivamente ao purismo *cruscante*. Em ambos os casos se individualizam normas de bom idioma (não apenas de belo estilo) no florentino/toscano de século XIV, desprezando a língua contemporânea e seus autores.

Para Bembo, é certo, o uso literário do vernáculo se realiza nos parâmetros daquela cultura humanista que se inspira à doutrina ciceroniana da imitação⁶. Quanto ao *ciceronianismo* de Bembo, escreveu páginas esclarecedoras Dionisotti (2002, p. 80, tradução nossa), ao lembrar que “[...] a partir de 1513 Bembo foi o grande mestre do humanismo ciceroniano”; *modus operandi* deste seria “[...] no isolamento de uma camada áurea de língua e de estilo que as camadas posteriores da latinidade argêntea e decadente acabaram por encobrir”⁷ (DIONISOTTI, 2002, p. 82, tradução nossa). A mesma lógica vem sendo aplicada à língua vernácula na qual, assim como no latim, observa-se a sucessão de duas épocas, isto é, a áurea do século XIV e a argêntea do século XV. Portanto, se por um lado se tinha o alto exemplo de um Cícero na prosa e de um Virgílio na poesia, com relação

por toda sua obra, mas também pelas sucessiva evolução da língua e literatura italiana.” (DIONISOTTI, 2002, p. 82, tradução nossa).

⁵ Certamente houve também muitos autores polêmicos quanto às escolhas feitas pelos “cruscanti”. O contencioso sobre quais características deveria ter o italiano escrito e, por conseguinte, aquilo falado, ainda estava em aberto. Conhecem-se os argumentos de alguns célebres *anticruscanti*: os de Paolo Beni entregues a uma obra do título eloquente: *L'Anticrusca overo il Paragone dell'italiana lingua, nel qual si mostra chiaramente che l'Antica sai inculta e rozza, e la Moderna regolata e gentile*; ou, também, a posição de Alessandro Tassoni que em *Incognito da Modana contro alcune voci del Vocabolario della Crusca* culpava os acadêmicos cruscanti de terem excedido nos arcaísmos, negligenciando as palavras de uso comum.

⁶ A parte mais consistente dos argumentos em favor da imitação dos clássicos encontra-se nas epístolas em latim *De imitatione* de Bembo.

⁷ “[...] *l'isolamento di uno strato aureo della lingua e dello stile che gli strati successivi della latinità argentea e decadente avevano mal ricoperto*” (DIONISOTTI, 2002, p. 82).

aos quais cada autor da latinidade posterior perde brilho e valor, por outro lado se terão os altos exemplos de um Boccaccio pela prosa e de um Petrarca pela poesia, com relação aos quais, igualmente, cada autor posterior perde brilho e valor. Ademais, no quadro da concepção do *ciceronianismo*, o valor da escritura é liberado de qualquer séria valoração quanto aos conteúdos e reduzido à sua prerrogativa essencial de forma.

Além disso, a abordagem filológica que Bembo trazia no vernáculo através da filologia humanista valoriza mais o texto e suas problemáticas – daquelas gráficas aos sinais da pontuação – e menos a língua viva, falada. Veja-se a respeito as duas edições bembiane do Petrarca e de Dante. De acordo com Dionisotti (2002, p. 82):

*Egli fu senza dubbio il primo editore di testi volgari del Trecento, che avesse chiara coscienza del fatto che la lingua del Trecento era stata diversa da quella di un secolo dopo e doveva essere conseguentemente restaurata eliminando la patina quattrocentesca che si era gradualmente sovrapposta su quei testi nella tradizione a stampa.*⁸

Parte do discurso e do método das *Prose della volgar lingua*, segundo nossa visão de homens da contemporaneidade, é viciado por um evidente equívoco: a de que aquilo que funciona para a literatura também funciona para a língua. Leia-se esse passo do *Libro Primo*, capítulo XVIII, em que expõem-se as teses de Bembo, na fala do irmão Carlo, a um interlocutor da grandeza de Giuliano de' Medici:

*Non è la moltitudine, Giuliano, quella che alle composizioni d'alcun secolo dona grido e autorità, ma sono pochissimi uomini di ciascun secolo, al giudicio de' quali, perciò che sono essi più dotti degli altri riputati, danno poi le genti e la moltitudine fede, che per sé sola giudicare non sa dirittamente.*⁹ (BEMBO, [1525], p. 32).

Essa observação é substancialmente verdadeira se aplicada à literatura que, como instituição, constrói o próprio discurso a partir de um grupo fechado de leitores-críticos, detentores do gosto e das competências histórico-filológico-estéticas aptas a julgar a qualidade dos textos e formar-lhe o cânone. É, pelo contrário, absolutamente falaciosa quando transportada à língua. A língua, pois, diferentemente da literatura, é o produto de contingências históricas extremamente complexas e, portanto, não seria possível submetê-la ao juízo de um grupo limitado de “doutos”. Ademais, que dessas contingências, cuja complexidade nos foge, pertença também o projeto bembesco e cruscante os quais juntos contribuíram a plasmar o italiano que ainda hoje é o nosso, em nada diminui essa complexidade que muitas vezes se alimenta do improvável, do imponderável.

⁸ “Ele foi, sem dúvida, o primeiro editor de textos vernáculos do século XIV, que tivesse uma consciência clara do fato que a língua do *Trecento* tinha sido diferente daquela do século posterior e, portanto, tinha de ser restaurada eliminando a pátina quatrocentista que se tinha pouco a pouco sobreposta aos textos da tradição impressa.” (DIONISOTTI, 2002, p.82, tradução nossa).

⁹ “Não é a multidão, Giuliano, aquela que dá clamor e autoridade às composições de um século, mas, antes, pouquíssimos homens de cada século, ao juízo dos quais, sendo eles reputados mais doutos dos outros, dão fé às pessoas e à multidão, que para si não sabe julgar retamente.” (BEMBO, [1525], p. 32).

E de fato muitas das novidades gramaticais introduzidas por Bembo e apresentadas por Giuliano de' Medici no *Terzo libro* das *Prose* são ainda as nossas. Nesse sentido, por exemplo, a escolha da terminação do presente indicativo de segunda pessoa em *-i* (*tu ami*, em substituição de formas em *-e*, *tu ame*); quanto à primeira pessoa plural diversamente é permitida apenas a terminação em *-iamo* (*noi amiamo*) e recusada aquela em *-emo* (*noi amemo*). Também o subjuntivo presente dos verbos de primeira conjugação é uniformizado por Bembo: que *io ami* acaba substituindo que *io ame* (ainda permitido, mas apenas em poesia). Diversamente para o condicional de primeira pessoa, é considerada normal apenas a desinência em *-ei* (*amerei*), enquanto a forma em *-ria* (*ameria*) é abolida da norma escrita; para a segunda pessoa apenas a forma em *-esti* (*ameresti*); para a primeira pessoa plural a desinência em *-emmo* (*ameremmo*); enfim, para a terceira pessoa plural, aquela em *-ebbono* (*amerebbono*). Outra novidade, no que diz respeito à morfologia verbal, que se tornou normativa até hoje, concerne às formas do pretérito imperfeito do indicativo em *-evamo*, *-evate* no lugar daquelas em *-avamo*, *-avate* (*leggiavamo*, *leggiavate*) julgadas obsoletas e ultrapassadas. Em suma, a maioria das escolhas normativas de Bembo acabaram por se fixar, passando na língua comum e contribuindo para que o italiano adquirisse um aspecto unitário tanto na escrita quanto na língua falada.

As conclusões de Dionisotti reconhecem que Bembo estabeleceu as bases de uma língua e de uma nova literatura [para] além do aleatório ou da moda efêmera, fixando-as em um patrimônio histórico de grande poesia e de prosa trecentista que, ao longo de dois séculos, tinha-se tornado comum e aceita em toda Itália. Em suma, a Bembo e a seu afortunado rearranjo da língua, a partir da literatura deve ser, portanto, atribuído o caráter específico “lírico e discursivo” – em vez de “narrativo e dramático” – que receberá a linguagem literária italiana pelo menos até o romantismo e a Manzoni.

Entre as consequências não propriamente positivas desse edifício tanto conceitual quanto formal, estão, como já se observou, o atraso cultural daquela parte do país excluída dos processos de aculturação e de participação ativa à vida política e civil, cuja exclusão depende seguramente da construção de uma língua e logo de uma identidade fundada não apenas em modelos literários, mas, ainda pior, em modelos literários inatuais, até remotos às preocupações e às sensibilidades coletivas. Consequência adicional dessa situação é a ausência, na Itália, de uma literatura autenticamente nacional-popular – como notava Gramsci (1975) em *Quaderni del carcere*. Em suma, lembrando aquilo que escreveu don Lorenzo Milani na sua *Lettera a una professoressa*, preocupado pela distância que desde sempre caracterizou a língua italiana percebida como tão áulica e solene que “[...] priva os pobres dos meios de expressão. Priva os ricos da inteligências das coisas”¹⁰ (MILANI, 1976, p. 39, tradução nossa), pois a divaricação no censo reproduz naturalmente e inexoravelmente a de cultura.

¹⁰ “[...] *ai poveri toglie il mezzo di espressione. Ai ricchi toglie la conoscenza delle cose*” (MILANI, 1976, p. 39).

RUSCONI, F. Italian, literary language?: the influence of the Prose della Volgar Lingua on contemporary Italian. **Revista de Letras**, São Paulo, v. 60, n. 1, p. 55-60, jan./jun. 2020.

- **ABSTRACT:** *This article aims to show why Italian can still be called a literary language in which the distance between writing and orality, between spontaneous and controlled and cultured language is still so marked. In short, we want to clarify how the peculiarity of Italian linguistic history, which goes by the name of “questione della lingua”, contributes to determining what Italian is still today. We are indeed convinced that the authoritativeness of Bembo’s theses, exposed in the Prose della volgar lingua, his posthumous fortune, as well as the use and arrangement that was given by the Accademici della Crusca, have in fact led to one separation between spoken and written language, determining during the course of a secular history many of the phenomena that still characterize Italian culture today.*
- **KEYWORDS:** *Pietro Bembo. Vocabolario della Crusca. Italian literary language.*

Referências

BEMBO, P. **Prose della volgar lingua**. Bologna: Zanichelli, [1525].

DIONISOTTI, C. **Scritti sul Bembo**. A cura di Claudio Vela. Torino: Einaudi, 2002.

GRAMSCI, A. **Quaderni del carcere**. A cura di V. Gerratana. Torino: Einaudi, 1975.

MARAZZINI, C. **La lingua italiana: profilo storico**. Bologna: Il Mulino, 2001.

MILANI, L. **Lettera a una professoressa**. Firenze: Libreria Editrice Fiorentina, 1976.

PASOLINI, P. P. **Saggi sulla letteratura e sull’arte**. Edizione diretta da W. Siti. Milano: Mondadori, 2008.

SERIANNI, L. **La lingua nella storia d’Italia**. Piacenza: Scheiwiller, 2002.